

## Cadê a minha comida ?

Por Tatiane Santos <sup>1</sup>

O custo da cesta básica aumentou 32% nos últimos 12 meses. Um dos fatores que mais contribuiu para essa alta foi o aumento no preço dos alimentos essenciais ao consumo da população brasileira como a carne (6,91%), o arroz (38,21%), o feijão (57,79%) e o óleo de soja (26,45%). No mesmo ritmo desses aumentos estão também os lucros das grandes redes de supermercados. *Wal-Mart* e *Carrefour* são exemplos que tiveram um aumento no valor de US\$ 1,1 bilhão (3% a mais que no mesmo período do ano passado) seguido do Grupo Pão de açúcar com um lucro de R\$ 60,4 milhões no segundo trimestre de 2008 (um crescimento de 118,9% em relação a 2007). [2]

<sup>1</sup>[1] Estagiária do PACS. Estudante de Economia da UFRRJ.

[2] Fontes: Folha Online e Grupo Pão de Açúcar.

[3] e [4] Fonte: FAO, em Perguntas mais frequentes sobre a Crise dos Alimentos.

[5] Fonte: Via Campesina.

[6] Fonte: *The New York Times*

Segundo a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), a contínua alta nos preços dos produtos agrícolas como trigo, milho, arroz, feijão, soja e outros, foi motivado por uma série de fatores, alguns com maior peso que outros. A conjugação desses fatores resultou na crise mundial de alimentos. Alguns dos possíveis fatores são: o aumento na produção de agrocombustíveis; o aumento nos custos dos insumos agrícolas pelo elevado preço do petróleo; a especulação no mercado financeiro e de *commodities*; os fatores climáticos que afetam a produção; o aumento na demanda por alimento e a redução da reserva de terras para a produção de alimentos.

## ***Aumento na busca por Comida versus Agrocombustíveis***

A população mundial está em franca expansão. De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU), o mundo passará de 6,5 bilhões de pessoas, em 2005, para 8,3 bilhões, em 2030. Essa crescente expansão teve mais força nos países emergentes

como a China, que teve ascensão expressiva em sua economia. Com mais dinheiro, o país mais populoso do mundo passou a consumir mais alimentos principalmente carnes e cereais, como reflexo da invasão da cultura ocidental, e a competir no mercado mundial por petróleo e produtos agrícolas.

O efeito do aumento no número de pessoas no mundo fez crescer significativamente o consumo de alimentos.

“As economias emergentes, particularmente China e Índia, tem tido um papel importante na demanda global e nas provisões das commodities agrícolas” [3]

O fato é que, além dessa crescente demanda por alimentos, há também preocupação no mundo todo com as mudanças climáticas que estão afetando todo o planeta. Ações para a redução de gases de efeito estufa fizeram surgir iniciativas e incentivos à produção de fontes de energia alternativas ao petróleo. O agrocombustível é uma delas, sendo produzida a partir da conversão de produtos agrícolas em combustível. Cresce, assim, cada vez mais a disputa por terras para a produção de produtos agrícolas destinados a fabricação de agrocombustíveis a partir da soja, cana

de açúcar e milho. Esse último, por exemplo, está sendo muito disputado não só para o agrocombustível e para a alimentação humana, mas também para a produção de ração animal, servindo à exportação com o objetivo de alimentar o frango e o gado bovino. Isso acontece tanto na Europa como nos EUA, regiões onde houve um considerável aumento no consumo de carne.

A agricultura de pequenos produtores abastece 40% do consumo doméstico da região latina. É responsável por 51% da produção de milho, 77% da de feijão e 61% da de batata. O milho é um ingrediente básico na alimentação dos povos da América Latina. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o milho é um dos três cereais mais consumidos no Brasil. No entanto, a cada dia é reduzida a extensão de terras disponíveis para a produção voltada para a alimentação. Mas por quê?

“Os biocombustíveis tendem a deslocar os recursos produtivos como terra, trabalho, e capital, da produção de alimentos para o cultivo de grãos destinados ao combustível. Esse novo tipo de demanda tem tido um papel importante em relação aos

preços. Entre todas as commodities para alimentação e rações, a demanda adicional ao milho para combustível tem tido o maior impacto nos preços. Por exemplo, das quase 40 milhões de toneladas a mais de milho utilizadas em 2007, quase 30 milhões foram destinadas às indústrias de etanol. A maior parte dessa expansão ocorreu nos Estados Unidos, o maior produtor mundial e exportador de milho. O consumo de etanol aumentou de 20 bilhões de litros em 2006 para 26 bilhões de litros em 2007, apenas nos EUA. O milho tomou espaço de outras culturas no país. Entre 2000 e 2008, diminuíram as áreas plantadas com soja, algodão e arroz. Os preços do milho subiram 224% entre 2005 e 2008, em todo o mundo.” [4]

O atual modelo de produção de agrocombustível (baseado na monocultura da soja, do milho, da cana-de-açúcar e outras culturas) impede e diminui o cultivo de produtos como arroz e feijão, essenciais à alimentação da população. O que explica isso é o fato dos produtos

agrícolas serem, atualmente, encarados como *commodities*, isto é, mercadoria para serem comercializadas no mercado financeiro. Isso significa que, quanto maior a demanda por agrocombustível maior a cotação dos produtos agrícolas destinados a sua fabricação. Logo, aumenta também o número de interessados em produzir grãos voltados para os agrocombustíveis, pois estes percebem a possibilidade de obtenção de grandes lucros com a venda no mercado externo. Isso se reflete na diminuição da produção de alimentos essenciais para o consumo humano (alimentação) e no aumento dos seus preços, seja pela diminuição na quantidade de terras para o seu cultivo, seja no custo dos insumos para a sua fabricação, devido ao monopólio das empresas transnacionais.

“Aumenta a demanda do mercado internacional por biocombustível, logo mais terras serão usadas para plantação de cana, cai a produção de alimentos, que ficam mais caros para a população. A substituição de biomas nativos pela monocultura da cana, através da produção em larga escala, tem resultados piores do que o uso da gasolina como combustível. O modo de

produção vigente usa muita água, provoca a poluição dos rios, utiliza fertilizantes nitrogenados em grandes quantidades e usa de queimadas, tendo impactos ambientais negativos maiores do que a gasolina.” [5]

### ***As transnacionais do alimento***

**S**egundo relatório do Grupo ETC, Oligopoly Inc 2006, que monitora as atividades das corporações globais, principalmente na agricultura, alimentação e farmacêutica, são 10 as maiores empresas transnacionais que controlam mais da metade do mercado global de sementes, fertilizantes e agrotóxicos. Com lucro no mercado de aproximadamente 22,9 milhões de dólares por ano, as indústrias de semente perdem apenas para as indústrias de pesticidas, em que as vendas chegaram 35,4 bilhões de dólares.

A Monsanto, dos Estados Unidos, é a maior transnacional na comercialização de sementes, possuindo 41% do mercado global. É primeira na lista das dez maiores seguida da Syngenta, da Suíça. Além das sementes, a empresa norte-americana disputa espaço no mercado de comercialização de agrotóxicos com a Bayer, de origem alemã, e a

Syngenta. Juntas concentram 84% das vendas globais, um perfeito oligopólio. A Monsanto detém o controle não só das transgênicas como também de outras sementes vendidas. Mantém sede na Europa e nos EUA e filiais em vários outros países. Além de produzir 90% dos transgênicos plantados no mundo, domina o mercado exigindo o pagamento de taxas para o uso desses grãos geneticamente modificados. Ainda age de forma a deixar os agricultores dependentes de seus produtos, porque a colheita dos transgênicos não produz semente para posterior plantio, logo para novo cultivo é imprescindível a compra de novas sementes da transnacional.

No ramo de fertilizantes, o grupo Bunge, com sede nos EUA, faturou R\$ 18,2 bilhões em 2006 só no Brasil. As lavouras de soja, milho, cana-de-açúcar, café e algodão foram as maiores consumidoras de fertilizantes. É nítido o porquê de essas lavouras terem consumido tantos insumos: simplesmente porque há uma corrente que entrelaça os grandes agricultores. Eles produzem cada vez mais grãos para fabricação de agrocombustíveis, ao mesmo tempo em que se tornam mais dependentes das empresas transnacionais, consumindo um número maior de sementes, fertilizantes e agrotóxicos.

### **Supermercados transnacionais**

Todas as empresas mencionadas dependem das vendas ao consumidor, ou melhor, dependem das grandes redes de *supermercados multinacionais* que condicionam desde quem produz até o que chega ao consumidor. Essas grandes redes determinam o tipo de qualidade e preço, passando pelos processadores e distribuidores.

Na lista dos maiores supermercados no mundo, a Wal-Mart lidera tanto em expansão de lojas quanto em faturamento. Suas vendas são quase iguais à soma das quatro competidoras mais próximas: Carrefour, Matro, Ahold e Tesco, todas transnacionais.

O jornal norte-americano *The New York Times* publicou matéria sobre a “*walmartizacion*” no mundo. Referia-se ao modo como a Wal-Mart havia pressionado a baixa dos salários e da segurança social dos trabalhadores em suas lojas nos EUA. Situação que se repete em todos os lugares onde esses supermercados se instala, além de liquidarem as pequenas lojas locais. Atualmente 80% das seis mil fábricas que abastecem a Wal-Mart estão na China.

“Enquanto o capital revista o globo a procura de trabalhadores mais baratos e

maleáveis, e enquanto os países pobres recebem as multinacionais para que lhes proporcione empregos e abram mercados de exploração, a Wal-Mart e a China constituíram-se na mais extrema iniciativa conjunta de capital de risco. Sua simbiose influencia as condições de trabalho e de consumo por todo o mundo”. [6]

Essas grandes redes de supermercados faturam bastante com a alta nos preços dos alimentos. Isso porque, quando os produtos de primeira necessidade como o arroz, o feijão e também aqueles que têm o trigo como matéria-prima, aumentam de preço, há uma diminuição nas vendas de outros produtos considerados supérfluos. Justamente porque podem ser deixados de lado para que o dinheiro sobre para a compra de itens essenciais. Assim, os produtos que ficaram mais caros não têm redução na sua demanda, o que faz com que os supermercados aumentem seus lucros.

O grupo Pão de Açúcar, por exemplo, além de ter lucrado R\$60,4 milhões em 2008, está em pleno processo de expansão, tendo adquirido as seguintes lojas no Brasil: Extra, Sendas e Comprebem. Cada um com uma estratégia específica

para atingir um público-alvo. Já as empresas Carrefour e Wal-Mart são multinacionais que estão se expandindo no Brasil por meio da compra de supermercados em regiões locais sem que ocorra a mudança do nome desses estabelecimentos, dominando o mercado.

### **Endividamento – Externo e Interno**

**E**mpresas como Wall-Mart e Carrefour, com sede nos EUA e França respectivamente, remetem seus lucros ao exterior, provocando uma saída de capitais do Brasil sob a forma de moeda estrangeira. Mas o que isso tem a ver com o endividamento do país? É que o Banco Central converte o real em moeda estrangeira, principalmente em dólares ou euros. Junto a isso há o aumento da taxa de juros: um atrativo aos investidores estrangeiros, que adquirem os títulos brasileiros para serem resgatados futuramente, provocando o aumento da Dívida Externa.

É importante destacar os empréstimos feitos pelas Instituições Financeiras Internacionais (BID, FMI, BM), que também contribuem para o endividamento. Para pagar essas grandes instituições financeiras, o Brasil precisa de moeda estrangeira e acaba emitindo títulos públicos no mercado brasileiro para obtenção de moeda nacional, provocando o

aumento da Dívida Interna. O real adquirido servirá para ser trocado pelo dólar, que será utilizado, principalmente, para o pagamento da Dívida Externa. Um duplo endividamento!

Privatizações, emissão de títulos públicos, aumento da taxa de juros e empréstimos internacionais: tudo isso caracteriza a prioridade de um sistema voltado aos interesses das grandes transnacionais. Inclusive, as grandes redes de supermercados.

#### **O que significa:**

**Commodities:** Mercadoria; termo usado em transações comerciais internacionais para designar um tipo de mercadoria em estado bruto ou com um grau muito pequeno de industrialização. As principais commodities são produtos agrícolas (como café, soja e açúcar) ou minérios (cobre, aço e ouro, entre outros).

**Oligopólio:** Grupo de empresas que detém o controle de determinado mercado seja ele no fornecimento de um produto, serviço ou matéria-prima.

## Fonte para saber mais:

PRATES, Magalhães. *A alta recente dos preços das commodities*. Rev. Econ.Polit.vol. 27,nº3 São Paulo.Jul./Set.2007

[www.fao.org.br](http://www.fao.org.br): Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação;

[www.brasildefato.com.br](http://www.brasildefato.com.br);

[www.folhaonline.com.br](http://www.folhaonline.com.br);

[www.etcgroup.org](http://www.etcgroup.org): Grupo de Acción sobre Erosión, Tecnología y Concentración;

[www.nytimes.com](http://www.nytimes.com): *The New York Times*

[www.paodeacucar.com.br](http://www.paodeacucar.com.br);

[www.unu-brasil.org.br](http://www.unu-brasil.org.br): Organização das Nações Unidas;

[www.viacampesina.org](http://www.viacampesina.org);



Instituto Políticas Alternativas para o Cone Sul

Endereço: Av. Rio Branco, 277 - sala 1609 - Centro - Rio de Janeiro/RJ  
CEP.: 20040-009 - Telefax: 55 21 2210-2124  
Caixa Postal: 7508 CEP: 20241- 970  
Sítio: [www.pacs.org.br](http://www.pacs.org.br)  
Cor. Eletr. [pacs@pacs.org.br](mailto:pacs@pacs.org.br)

Associada à ABONG – Associação Brasileira de Organizações Não Governamentais - desde 1991

Utilidade Pública Federal – Portaria nº 2.476, de 17 de dezembro de 2003 – Diário Oficial da União de 18/12/2003.

Utilidade Pública Estadual – Diário Oficial de 02/06/2003 – Lei nº 4.108.

Utilidade Pública Municipal – Diário da Câmara Municipal do Rio de Janeiro de 13/09/2004 – Lei nº 3832 de 09/09/2004

Inscrição nº 620 no Conselho Municipal de Assistência Social – CMAS, processo nº 08/015202/03, publicado no Diário Oficial do Município de 28/10/2003.

## Quem somos

Criado em 1986, no Rio de Janeiro, o Instituto Políticas Alternativas para o Cone Sul – PACS é uma instituição sem fins lucrativos dedicada à assessoria eco-social e à ação educacional em colaboração com os movimentos sociais.

## Objetivo

Nosso objetivo é contribuir para o autodesenvolvimento humano e para a construção de uma opinião pública crítica e criativa, capaz de cobrar a promoção e a implementação de políticas públicas transformadoras, participantes, tecnicamente competentes, desde o nível municipal, nacional e global.

## Metodologia

Fundamentados na Metodologia da Práxis trabalhamos com pessoas e organizações, no intuito de fortalecê-las individual e coletivamente para que se tornem sujeitos de sua própria história e de seu autodesenvolvimento. Nossas ações se desenvolvem em duas dimensões simultâneas: uma local, imediata, e a outra nacional, global e mediata.

## Atividades

Pesquisas, análises e reflexão crítica, sob a forma de publicações, programas de rádio e audiovisuais; elaboração de propostas e políticas alternativas e projetos de desenvolvimento; assessorias e atividades educativas com movimentos sociais, ecumênicos e prefeituras entre outros; participação em redes regionais e internacionais.

## Os parceiros

CHRISTIAN AID (Reino Unido)  
TRÓCAIRE (Irlanda)  
Fundação para o Progresso Humano - FPH (França e Suíça)  
Ação Quaresmal (Lucerna, Suíça)  
SCIAF (Escócia)  
DKA – Dreikönigsaktion der Katholischen Jungschar (Áustria)  
Pão pra o Mundo (Alemanha)  
Appleton Foundation (EUA)  
Fundación para la NoViolencia (EUA)  
Fundação Rosa Luxemburgo (Alemanha)